RELIGIÃO E PATRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSAVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 10 | QUINTA FEIRA 1 DE JANEIRO DE 1863 | 1.ª SERIE.

GUIMARÃES 31 DE DEZEMBRO.

O ABUSO DA PALAVRA

Não é só em nome do progresso, da razão e da philosophia, mas é tambem, e muito particularmente n'estes ultimos tempos, em nome da liberdade, que os inimigos de uma e de outra cousa, os quaes designaremos aqui pelo nome de *revolução*, se têem sublevado contra a Egreja.

Conhecendo de quanto era capaz esta palavra — liberdade — e como ella accendia enthusiasmos e respondia harmoniosa aos movimentos da alma e ás aspirações mais ardentes da vida humana, a *revolução* ergueu sua voz e disse, pouco mais ou menos: E' necessario que sejamos livres. Este amor de liberdade que sentimos, invencivel, esta tendencia de toda a vida para a liberdade — tendencia universal que nenhum homem, nenhum povo poderia aniquilar sem perder o sentimento de sua propria dignidade, sem deixar de ser homem, sem deixar de ser povo — esta tendencia não é nem pode ser uma chimera, e portanto é força que a liberdade seja alguma cousa realisavel para que se não diga que fôra dada á natureza humana uma propensão, uma necessidade sem objecto que podésse corresponder-lhe.

Vamos pois, empenhemos todas as nossas forças por conseguir e realisar em nós esta liberdade que nos sorri ao longe e que nos promette um reinado de gozo, de luz, e de felicidade indefinivel...

E o ecco de todos os corações que não sabem quanta perfidia ha n'esta voz que os encanta, responde em alvoroços: sim, sejamos livres.

Então aproveitando-se d'estas disposições do coração, e d'estas propensões da natureza humana para a liberdade, mui natural sem duvida, e mui nobres quando ruins paixões as não desencaminhem e pervertam, a revolução ergue sua voz audaciosa e diz ainda: vamos! aplanemos o caminho que nos conduz até lá onde a liberdade nos espera, lancemos por terra todas as barreiras que podem estorvar nossa passagem e desembaracemo-n'os principalmente de um grande despotismo que nos tem escravisado, por seculos, a rasão e o pensamento — livremo-n'os do despotismo do dogma, da adoração e do culto, porque está aqui a mais valente muralha que se levanta entre nós e a *liberdade*.

Mas como o dogma, a adoração e o culto ha-de permanecer emquanto que houver no mundo Pontifice e clero, guerrêe-se antes de tudo o Pontifice e o clero, e empreguem-se contra elles todas as armas, porque todas são boas para a conquista de nossa liberdade, uma vez que consigam abatel-os, annulal-os e precipital-os do fastigio ao qual, os tem elevado a ignorancia e o preconceito.

Quanto ao clero diz ainda a *revolução:* exagerem-se seus vicios e haja muito cuidado de calar ou desfigurar suas virtudes; e se estas forem taes e de tão subido merecimento que possam impressionar o povo profundamente e conciliar veneração e sympathias, então desacredite-se por todos os modos, appellide-se com certos nomes que previamente e com arte se deve fazer que passem por despresiveis ou ridiculos: chame-se *reacção, lazarismo, jesuitismo*; e se isto não valer, calumnie-se, diga-se que é hypocrita, devasso, avarento, ignorante, inimigo da sciencia, do progresso e da liberdade; diga-se que especula com a Religião e que deslustra e desconceitúa o Evangelho, e nós os apostolos da liberdade, façamos-n'os tambem apostolos do Evangelho e expliquemos ao povo suas maximas, accommodando-as ao nosso livre pensar e subtrahindo-nos á servidão ignominiosa que nos curva ás decisões de Roma. Feito isso trate-se de empobrecel-o, e de confiscar seus bens em nome da liberdade, declame-se contra as demasias do culto e acabe-se a devoção pelo sacrificio, com dizer-se que é melhor dar aos pobres o que se gasta com isto.

E então quando o clero fôr cahindo aos nossos golpes, quando virmos volver-se tudo contra elle — o jornal, o romance, a politica e a opinião habilmente preparada por nossas artes e trabalhos — quando virmos as consciencias desembaraçadas de escrupulos, sublevarem-se contra as leis de Roma; quando virmos o Direito Canonico, calcado e pulverisado juntamente com a soberania temporal e espiritual do Pontifice contra o qual se devem já ter excitado todas as iras e todas as paixões populares; quando finalmente houvermos derribado esta formidavel potencia — o clero com o seu Pontifice — então veremos a Egreja despedaçar-se e cahir em ruinas com seus velhos dogmas, com suas leis, com sua disciplina, com sua moral e com seu culto, e nós — a *revolução* passaremos ávante por cima d'estas ruinas e ninguem ousará depois erguer-se diante de nós com pretenções de impedir nossa carreira que para logo não seja despedaçado. Então é certo que temos alcançado a nossa liberdade.

Liberdade satanica, dirão agora os leitores e nós tambem, liberdade medonha que seria a ruina e o abysmo de todas as liberdades! liberdade insensata, absurda, impossivel que pretende aniquilar a obra de Deus, e cortar as relações que o ligam á humanidade para fazer d'ella um rebanho de escravos, de furiosos, de selvagens e de feras que deveriam devorar-se até á morte!

E no entanto eis ahi a liberdade proclamada pela *revolução* cujo espirito destruidor tem invadido este paiz e tem achado instrumentos doceis por onde sopra na imprensa, nas praças, nas salas e nos cafés, e por onde trafica com o vicio e com a ignorancia — com aquelle porque o affaga e desenfrêia, e com esta, porque a illude e embasbaca com certas theorias de beneficencia, de progresso, civilisação e de liberdade que pregarião com tudo em pantana, e finalmente com uns certos planos de reforma que devem pôr termo á *reacção*, ao *fanatismo*, ao *carolismo*, ao *jesuitismo*, e ao *lazarismo* que dá cabo, dizem, de nossas instituições liberaes, e que nos mette em casa o despotismo da curia; eis ahi a liberdade proclamada pela *revolução*, cujo espirito se insinúa e mostra no meio de nossas sociedades, sob diversos aspectos, dos quaes, o mais curioso, e segundo nos parece, o mais geralmen-

---

FOLHETIM.

AVISOS A' MOCIDADE.

(*Continuado do n.º 8*)

Abandonado o materialismo como um systema insustentavel, desanimado o homem da natureza, e conscio da impossibilidade de resolver o seu problema de uma materia eterna ou do seu acaso; desenganado emfim que a regua e o compasso, com que pretendeu desenhar mundos á sua vontade, não poderam dar-lhe a rasão ou causa de tantas maravilhas, foi lançar-se nos braços do deismo que, com quanto seja um systema mais espiritualisado, nem porisso é menos inconsequente.

Todos os homens podem conhecer a Deus como um Ente necessario e perfeitissimo, mas não é permittido á nossa rasão comprehender perfeitamente a Deus. Sabemos, que existe um ser infinito, pelo absurdo de o negar, mas não comprehendemos como Elle existe.

Para o homem de fé basta-lhe este conhecimento, porque sabe que para comprehender o infinito é necessario que se dê no homem uma intelligencia igualmente infinita, o que é repugnante pela impossibilidade de muitos infinitos. Mas o deista, e com este todos os racionalistas, sem advertirem que entre o finito e o infinito se dá uma distancia tambem infinita, querem vêr com os olhos da sua rasão a essencia de um ser infinito que nós nos contentamos de vêr com os olhos da fé. D'aqui vem, como já se disse, a enormidade de systemas contrarios, e inconsequentes a cada passo, não sendo difficil o encontrar-se ao homem da natureza e ao homem da razão, modificando, e até mudando de opinião, comtanto porém que o não obriguem a modificar, ou mudar os seus habitos, nem restringir a sua liberdade. Viver á vontade — satisfazer aos apetites de uma natureza corrupta, eis a missão que deve desempenhar o libertino n'esta terra de transição: as paixões desregradas são os nervos em que se entretem a vida do racionalista — deista, e sensual. Com estas garantias o homem não duvida abandonar o atheismo tenebroso.

Com effeito se hoje quizessemos dar o nome de impios só áquelles que não crêem em Deus, poucos homens teriamos, tálvez, a quem competisse tal classificação.

Escutando as suas palavras, lendo os seus escriptos a cada passo nos revelam a idéa de um Deus, e por isso parece que podemos dizer que os homens de hoje não professam o atheismo rigoroso! mas ainda assim não podemos dizer que o mundo se ache mais devedor aos mestres da nova philosophia. E' porque nenhuma sciencia póde derramar beneficios sobre o genero humano se não fôr abençoada por Deus.

Todos os homens, ainda os mais desboccados, fallam de Deus — como causa unica e rasão sufficiente do tempo e da eternidade. Todos ou quasi todos reconhecem que este ser eterno não pode estar circumscripto a logar nem tempo; esta restricção é só propria da materia. Por pouco que o homem reflexione, elle se figura uma viva imagem de um Deus que é forçoso crêr, ainda que (o libertino) desejára não existisse. O homem transporta-se a toda a parte que quer — sobe ao Céo, desce ás profundezas da terra sem outra operação mais do que um simples acto do seu entendimento e vontade; e então, a partir de nós mesmo — creaturas limitadas que somos — para a immensidade de um Deus que se acha presente em toda a parte, não podemos deixar de conceber que rastejamos este mesmo abysmo de grandeza! Como explicar a reminiscencia do passado — o prazer do futuro — approximar e separar os differentes periodos da vida sem fazer dimanar esta faculdade da nossa alma da rasão eterna de um Deus? E', sem duvida, tudo isto um retalho da omnisciencia de um ser infinito — salvas as justas proporções.

Como pois estas observações não podiam escapar ao homem racionalista, forçoso era, para não se

te adotado, é o aspecto religioso. *A revolução* entendeu que devia ter por aqui bôa colheita e então mandou os seus *piedosos* padres e os seus apostolos a pregar um novo Christo, *philosopho, heroe, democrata*, emfim, um Christo que despido de sua velha tunica e trajando á moderna possa engrandecer-se com este seculo e acompanhal-o em seus desenvolvimentos, progresso e liberdades. De sorte que não é já J.C. que restaura o homen e que lhe diz: *Eu sou Deus — segue-me — Eu sou o caminho, a verdade e a vida;* mas é o homen que faz um Christo á sua imagem e que lhe diz; A minha rasão é Deus, acompanha-me, que eu sou agora o caminho, a verdade e a vida!

E tem-se dito que o fazer isto é ser eminentemente liberal!

E tem chegado até aqui a depravação da idea pelo abuso da palavra!

A INSTRUCÇÃO DO CLERO PORTUGUEZ.

(Continuado do n.º 9)

As reflexões, que fizeramos no n.º antecedente mostram as nossas vistas e a nossa opinião no grave assumpto da instrucção do clero.

Queremos que o padre viva affastado do seculo pela pureza de seus costumes e pela rectidão do coração, mas não queremos o padre alheio aos progressos da sciencia e hospede nos grandes movimentos intellectuaes, que se operam n'este tempo. O padre ha mister de estar ao par da sciencia para que a causa do erro não venha a ter recursos, que faltariam por ventura á causa da verdade.

Não póde haver opposição entre a illustração da intelligencia e a pureza dos costumes porque nunca a sciencia foi inimiga da virtude. O padre pode ter os olhos cravados na marcha e andamento do seculo sem todavia se deixar tocar pela corrente immoral, que acompanha muitas vezes o progresso.

O padre encarregado de ensinar a verdade aos outros homens deve ter o sceptro da intelligencia e possuir idêas em todos os ramos das sciencias. E na verdade este complexo de sciencia, de virtude e do sacerdocio, forma um todo tão respeitavel, tão digno de veneração, tão sublime, que até os impios vem a sentir sua dôce influencia. Aonde estão brilhantes qualidades, para alli se dirigem as sympathias de todos. Quando o padre sabe elevar-se a toda a altura da sua missão, conquista todas as homenagens; os que trazem o jugo dos prejuisos anti-catholicos, ou lhe prestam então seus seus respeitos ou guardam o mais profundo silencio. E' isto o que se observa todos os dias no meio da sociedade.

Quando os Vandalos entraram em Hypóna, respeitaram o tumulo do grande Santo Agostinho, que havia dado o ultimo suspiro; e ao tempo, em que Fenelon era bispo de Cambray, os chefes do exercito inimigo pouparam o territorio d'esta cidade.

E não se diga que o padre separado do seculo e educado n'um seminario, tem o perigo de se habituar a idêas, a costumes e a sentimentos que nada têem de commum com a moderna sociedade.

Pelo contrario, é alli no retiro do mundo, e ao abrigo das tempestades ruinosas das paixões que o padre, por um systhema de instrucção habilmente combinado, se póde mais facilmente compenetrar do verdadeiro espirito do Evangelho, e ao mesmo tempo, estudar o espirito da epocha a fim de poder desempenhar com successo o seu sublime ministerio de esclarecer, de ensinar, de civilisar e de conduzir almas ao Céo. *(Continúa.)*

SUBSCRIPÇÃO MAÇONICA.

A' Gl.·. S.·. Arch.·. do U.·.
S.·. F.·. U.·.

«(Logar do sello)

«A R.·. L.·, LEALDADE ao Oriente.·. de Lisboa, «querendo tomar parte na subscripção nacional, destinada a elevar um monumento á memoria do preclarissimo cidadão José Estevão Coelho de Magalhães, encarregou-me de remetter á redação do Jornal do Commercio» a med.·. prof.·. de cem mil rs.

«A R.·. L.·. que tanto lamenta a prematura perda «do seu Sapiente.·. Gr.·. Mest.·. o chorado Ir.·. Porcio Cav.·. R,·. C.·, sente um lenitivo á sua «grande dôr, associando-se á patriotica empreza, «que tem por fim perpetuar a memoria de um «Maç.·. tão prestante e respeitavel.

«Em cumprimento, pois, das ordens da R.·, L.·., «remetto-vos a quantia de cem mil, rogando-vos que «addicioneis á importancia já recebida n'essa redação para igual fim.

«Traç.·. na Sec.·. da R.·. L.·. Lealdade ao «Orient,·. de Lisboa, aos 29 do 10.me mez do anno.·. da v.·. I.·. 5862.

«*Annibal* Cav.·. R.·. C.·.

«O chanceller»

«*Adam Smit Cav. R.·. C.·.*

(J. do Commercio.)

Sabem os leitores o que isto diz, sabem o que revela esse documento que acima estampamos, e que é um ultrage publicamente feito ás leis da Egreja e do estado? E' que Portugal é unicamente livre para tudo que fôr illegal, para tudo que fôr opposto á moral e á justiça, para tudo que fôr conducente á desmoralisação, á desordem e á anarchia.

O que nos diz esse documento atirado ao publico á face d'um paiz catholico? E' que Portugal não tem governo que saiba manter o decoro e a honra nacional, é que Portugal não tem um governo que saiba ser liberal, fazendo respeitar e observar escrupulosamente as leis, é que Portugal não tem um governo justo que saiba executal-as com lealdade sem odio e sem amor a cousas, e pessoas.

Se aqui houvesse um governo verdadeiramente liberal, que prezasse as instituições do paiz, que zelasse a gloria e a independencia d'esta nação, que respeitasse a justiça, que se interessasse pela segurança do throno, e pela felicidade dos povos, teria tomado as providencias necessarias para saber, que sociedades são essas, cujos membros occultam os nomes ou os substituem por outros, qual é a sua organisação interior, quaes são seus estatutos, qual é a sua profissão, qual é a sua crença para as julgar em face da lei, para as auctorisar, ou dissolver, segundo se mostrarem uteis ou nocivas ao bem do paiz.

Mas aqui em Portugal sò ha governo, e só ha leis para perseguirem a Egreja de Jesus Christo; aqui em Portugal só ha governo e só ha leis para cercearem o poder aos bispos, e o explendor ao culto reduzindo as parochias, diminuindo o numero dos beneficios ecclesiasticos, reduzindo o quadro dos conegos nas cathedraes e collegiadas, prohibindo as irmandades do direito e obrigação de fazerem suas festividades, de augmentarem os ornamentos, e mais utensilios necessarios ao culto, obrigando-as a fazer seu orçamento e subcarregando-as com o imposto do quinto ou duas decimas.

E' que em Portugal sò ha governo e sò ha leis para impedir a liberdade das associações religiosas, para desamortisarem, sem consentimento da Egreja, os bens legalmente adquiridos pelas existentes. E' que em Portugal só ha governo para calcar o direito dos povos, para despresar as leis d'este reino, para impedir o bem, para tolerar o mal, para cavar pelos fundamentos a ruina d'esta nação.

Temos uma nova nação desconhecida dentro de Portugal, temos um estado que funcciona dentro do estado, temos uma associação cujos fins se ignoram, e que por certo conspira contra o paiz, contra as instituições, contra o rei, contra o povo. O governo assim o quer, porque é fraco deante d'ella. Deus se compadeça d'esta nação e retire de sobre nós a pesada mão de Sua justiça.

E ELLE A DÁR-LHE!...

O protegido e correligionario do — *Pharol do Alemtejo* — está de volta comnosco, e entre as varias coisas, com que nos investe, empraza-nos, para que lhe digamos, quando nos calumniou, e falsificou os nossos escriptos!

Isto, se não causasse dó, causava riso.

---

humilhar á fé, que fosse pedir a Herschel o seu telescopio para que, na abobada celeste, podesse descobrir um Deus indolente — um Deus estatua, que sentado no throno de Sua gloria, esteja contemplando a Sua obra com a mesma indifferença com que uma figura de gêsso, collocada sobre o seu pedestal, está olhando os rigores das estações. E aqui temos ao homem da rasão a clamar que resolveu o problema de poder caminhar com segurança, pela estrada da vida, sem encontrar tropeços aos movimentos do seu coração! Aqui temos o homem sem receio da lei, porque a lei é a sua mesma rasão que facilmente se curva ao seu querer — aos seus appetites!

D'aqui não será difficil de resolver que a noção do justo, e do injusto, são actos de convenção — que a virtude e o vicio são formas e não realidades! Se porém lhe fizermos recordar que a nossa rasão, tão sublimada, é uma emanação da mente eterna de Deus, e que não se póde separar d'esta mesma a noção do justo e do injusto, — que importa o mesmo que dizer que Deus não pode deixar de approvar umas acções, e reprovar outras, aonde irá ter o seu pyrrhonismo, ou como sustentar que Deus se não importa com o mundo, e que o homem pode fazer da sua rasão o uso que lhe approuver? Parece isto um delirio, mas comtudo são as maximas de um seculo que se diz progressista! Pobre progresso: não teremos nós hoje motivos de sobra para dizermos aos nossos illuminados, como disse um ministro do imperador romano, que sabia pesar em justa balança toda a sciencia dos falladores do seu tempo? Que admirar — disse elle — já nos não falta, mas de que nos possamos approveitar ainda não encontramos.

Acerrimos defensores da rasão, dizei, quem obrigou a lançar-se nas ondas de um mar agitado esse philosopho, que collocado sobre um rochedo, para examinar o fluxo e refluxo das aguas, e não podendo atinar com as causas de um tal prodigio, poz termo a seus dias, exclamando, talvez involuntariamente = Causa das causas compadecei-vos de mim! Nao seria isto um effeito da sua rasão orgulhosa, por não pedir auxilios á fé?

Quem é que obriga o assassino a cravar o punhal no peito de um seu irmão? será a fé ou a rasão do malvado? Deus não se importa com o mundo, ainda repetis — mas então cumpre-vos explicar-nos quaes as causas das desordens de que o mundo é testimunha, quaes os motivos das nossas mizerias. Se o padre Theodoro d'Almeida disse, como christão, = assim como as hervas nascem nos campos, assim as penas e castigos nascem das culpas, não é menos explicita a crença dos pagãos, que sempre reconheceram, nas desordens do mundo, a justiça de um Deus irado! Tirai pois de cima da terra este dom do Céo — a fé — e vereis a sociedade cahir em um cataclismo espantoso — quebrai essas molas do nosso coração — a esperança e o temor, e vòs vereis o homem tornado uma fera! Será bom que deixemos estas sandices — estes contos de creanças. Aparem-se pois as pennas que devem escrever o processo d'aquelle que ousar repetir as palavras d'esse homem cheio de fé quando disse = se fôra licito a cada um philosophar á sua vontade, este universo viria a ser o retiro dos insensatos: morra de morte natural esse pigmeu que tal disser, porque diz uma heresia contra a rasão, e contra o individualismo, que de nada precisa para que se possa descobrir todo o nosso modo de ser, e todas as regras e preceitos que estão em relação com a nossa vida presente e futura.

Faça-se tambem o corpo de delicto ao padre Neuville que não receiou dizer = Para destruir o imperio — innundado de crimes — não é preciso que Deus fulmine os seus raios, basta que o Céo deixe á terra o cuidado de o vingar. Venha, sim, todo esse aparato de accusações e provas, coloridas com o pincel do vosso despreso para derrubar o homem de fé, mas vós sò podereis produzir documentos que hão-de formular a sentença da vossa propria condemnação. A verdade brilhará sempre por entre as fumaças da mentira, por que aquella não precisa de enfeites, esta sim.

=

Com que, o collega quer por força que lhe digamos outra vez o que nunca deveria querer que lhe dissessemos?!...

Não é sem pezar nosso, e talvez dos leitores, a quem esta questão vai já causticando muito, que havemos de satisfazel-o; mas, a exemplo do articulista, fal-o-hemos só para o numero seguinte, e desde já prevenimos os leitores, que suspendam o seu juizo, e se não deixem levar dos emprazamentos e arrogancias d'elle, porque a final de contas hade ser de novo convencido de calumniador e falsificador, e não hade haver quem lhe tire a teima.

Damos á estampa a seguinte oração para pedir a restituição das ordens religiosas n'este reino para que as almas piedosas e devotas pedindo para um fim tão justo, alcancem as indulgencias, que o Sancto Padre Pio 9. concedeu ás pessoas residentes em Portugal, que a recitarem tanto em latim como em portuguez:

ORATIO

Ad Dominum Nostrum Jesum Christum ad postulandum repristinationem Regularium in hoc Lusitaniæ Regno.

—

Domine Jesu Christe, qui non solum jussisti servare mandata, sed etiam consilia proposuisti: da, ut, intercedente Beatissima tua Genitrice Virgine Maria, sine macula originali concepta, videre possimus in hoc Lusitaniae regno, reditos, adauctos, et conservatos Religiosos, et Ecclesiasticos Ordines ad majorem Dei Gloriam, et animarum salutem, et ad prosperitatem spiritualem temporalemque populorum. Qui vivis & regnas etc. Amen.

Permissu Ordinarii

CÓPIA DO RESCRIPTO AUTHOGRAPHO DO PAPA

Die 7 Jullii 1862.

Ind.^{um} ter centum dierum benigne Concedimus X.ii fidelibus in Lusitania degentibus et pie ac devote supradictam Orationem recitantibus.

Pius PP. IX.

ORAÇÃO

A Nosso Senhor Jesus Christo
para pedir a restituição das ordens relegiosas
neste reino de Portugal

—

Meu Senhor Jesus Christo, que não só mandaste observar os mandamentos, mas que proposeste os concelhos: permetti que, por intercessão de Vossa Mãe Santissima, a Virgem Maria, concebida sem macula de peccado original, possamos vêr neste reino de Portugal restituidas as ordens ecclesiasticas e religiosas, para maior gloria de Deus, para salvação das almas, e felicidade espiritual e temporal dos povos. Vós que viveis e reinaes, etc. Amen.

Com licença da auctoridade ecclesiastica
Dia 7 de julho de 1862.

TRADUCÇÃO

Concedemos benignamente 300 dias de indulgencia aos fieis christãos, que vivem em Portugal, e que pia e devotamente recitarem a sobredita oração

Pio PP. IX.

REVISTA DOS JORNAES.

EXTERIOR

Italia. = As noticias de Roma são satisfatorias. Continua a gozar-se alli perfeita tranquillidade, e Sua Santidade foi acolhido com fervorosas acclamações dos seus subditos no dia 7 de Dezembro ultimo, vespera da solemnidade da Immaculada Conceição da Santissima Virgem, na occasião da visita que fez á basilica dos Santos Apostolos segundo costuma.

Sua Santidade enviou aos pobres obreiros de Lancashre a somma de 600 escudos, assim como soccorreu os infelizes que soffreram com as innundações do Pó.

Estes rasgos de caridade ja estão muito identificados com o bondôso coração de Pio IX, que não cessa de mostrar que é um verdadeiro Pae em Jesus Christo.

Mr. de Latour de d'Auvergne embaixador francez junto a Santa Sé foi mui affectuosamente recebido por Sua Santidade.

Em o numero passado demos a noticia de terem havido prisões em Roma, agora noticiaremos o motivo, que não é mais nem menos, do que ter-se descoberto uma conjuração organisada para assassinar padres e lançar bombas nas ruas, da qual foi accusado como principal auctor um tal Vespignani, que tambem foi preso.

Já se vê pois que as prisões foram feitas com justiça, e qualquer governo bem constituido, e amante da ordem faria o mesmo em iguaes circumstancias, mas os menos affeiçoados ao Papa mostram pensar d'outro modo, se a cousa porém é contraria ás suas idéas então reclamam, e até approvam, toda a sorte de medidas de rigor e de barbaridade.

Formou-se em Roma uma commissão para estudar o plano da reforma applicavel á administração dos estados da egreja, a qual se compõe de quatro prelados, todos designados por Sua Santidade: os snrs. Lassagni, Appoloni, Pericoli e Pila.

As reformas até agora projectadas são: 1.ª concessão do voto deliberativo á consulta da fazenda: 2.ª o systema de eleição para os individuos que hão de desempenhar os cargos municipaes. A commissão deve tambem occupar-se das leis concernentes ao embellesamento de Roma, e augmento de ordenado aos empregados. Um periodico, o *Observador Romano*, annuncia que no proximo anno a eleição dos conselheiros municipaes se effectuará por meio de collegios eleitoraes em cada districto.

Dizia-se em Roma que a princeza da Prussia antes de sahir d'aquella capital manifestou ao Santo Padre desejos de ter uma imagem com algumas palavras escriptas por seu punho. Pio IX escreveu por debaixo de uma gravura religiosa: « *Illuminare his qui in tenebris sunt* ».

Isto é um tanto significativo, porque esta senhora é não só filha de paes protestantes, mas até esposa de um principe herdeiro do throno de um paiz cuja religião do Estado é tambem a protestante.

Uma carta de Pariz, publicada na *Independencia Belga* diz que o Pontificado, por decisão de 6 de Outubro de 1862, considera como excommungados todos os que assignarem mensagens pedindo ao Pontifice que abandone o poder temporal.

Esta decisão é na verdade uma medida muito acertada, para que os Passaglias não andem a illudir os incautos e aquelles que não têem conhecimentos sufficientes para se determinarem com acerto.

REVISTA NOTICIOSA.

Te Deum. — Houve hontem, ultimo dia do anno de 62, *Te Deum* na J. e R. Collegiada d'esta cidade em acção de graças por harvermos merecido da Providencia o chegarmos ao fim d'elle.

Demolição. — Anda-se procedendo á demolição da casa fronteira ao hospital da V Ordem terceira de S. Francisco. A commissão das obras do referido hospital tem desenvolvido o maior zelo e actividade no andamento d'ellas, tornando-se porisso credora de bem merecidos encomios.

Depois de demolida esta casa deve ficar um bonito terreiro, que a camara pode aformosear muito, cortando as carvalhas, e empregando outros meios de aformoseamento.

Havemos do fallar n'isto mais d'espaço.

E não cessaremos. — Continuam os máos cheiros na rua Escura; — continuam os moradores d'aquella rua a queixar-se dos encommodos que soffrem quotidianamente; — e nós continuamos a unir as nossas ás queixas dos moradores, e não cessaremos de clamar, em quanto não virmos removida d'alli a causa d'aquellas queixas.

Pedimos pois ao sr. Fiscal que tome isto em consideração, e que dê as providencias, que o caso requer.

Obras municipaes. — Principiaram os trabalhos no desaterro do terreiro de S.ª Clara, e continuam as obras na rua de S.ª Maria, mas com tanta morosidade, que quasi perdemos as esperanças de a ver-mos concluida.

Prisões. — Estes dias a policia tem andado á cata dos mancebos refractarios, para ser completado o contingente de recrutas pertencentes a este concelho.

Fornada. — Já foi approvada a lista da nova fornada de Pares. São 22 os individuos a quem foi dado o logar na camara alta, entre deputados e não deputados.

Erratas. — Por descuido passaram no n.º 8 d'esta folha alguns erros, que vamos em seguida emendar.

Na primeira pagina, colum. 2.ª linha 1.ª onde se lê — *orphanantropico* — leia-se — orphanantrophio.

Na mesma pagina, no folhetim, colum. 2.ª linha 15.ª onde se lê — hidrogenias = leia-se = heterogeneas.

Na pagina 3.ª colum. 3.ª na local com a epigraphe — *Bondade de Pio 9.º* — onde se lê — no sacerdote a celebrar missa em certa egreja — leia-se = ao sacerdote, que n'um determinado dia fosse primeiro celebrar missa em certa egreja.

No mesmo numero encontrão-se mais alguns erros de pequena monta que a perspicacia do leitor soube por certo substituir.

A virgem dolorosa.. — Com este titulo recebemos, do nosso estimavel amigo Francisco F. Guimarães Fonseca, illustrado academico de Coimbra, um mimoso folhetim, que por falta de espaço não póde ser publicado n'este numero, mas que o será para o n.º seguinte.

O talento imaginoso e sentimentalista do auctor dos «*Martyres da Sociedade*» é já bem conhecido e devidamente avaliado, para que podessemos recuzar as columnas d'esta folha aos seus escriptos, em que o aprimorado da phrase se casa com a belleza e frescura das imagens. Pedimos pois ao nosso talentoso amigo, que continue a honrar-nos com os seus preciosos escriptos.

Amigos do alheio. — Dizem-nos que nas visinhanças d'esta cidade apparecem alguns *amigos do alheio*, que á luz clara do dia infestam as estradas, e despojam os transeuntes de tudo o que encontram. Dizem-nos que tambem dentro da cidade tem apparecido de noite alguns encapotados, pedindo esmola *com o chapeo na cabeça* e perseguindo até casa aquelles que recusam dar-lh'a. O sr. abbade de S. Cypriano de Taboadello parece que já foi victima d'estes *pedintes* nocturnos, que o peseguiram até casa e que ainda lá lhe deram alguns puchões á porta para vêr se conseguiam abril-a.

E ainda dirão que o povo d'esta cidade e circumvisinhanças não tem justissimos motivos para reclamar por força armada, que lhe mantenha a segurança e a vida! D'aqui até Chaves não ha um só soldado, pelo qual conste que temos exercito em Portugal. De sorte que podem os bandidos assaltar as propriedades e infestar as estradas n'esta longa extensão, que não ha quem os persiga!

Isto vai ás mil maravilhas!

Theatro. = Sabemos que a zelosa direcção do nosso theatro, tracta de alcançar assignaturas para algumas recitas, que aqui vem dar a companhia nacional que está em Braga Esta companhia torna-se recommendavel pelos excellentes actores de que é composta, entre os quaes conta o eximio actor Roza, e a talentosa actriz Carlota Velloso. E' de crêr que o publico Vimaranense, amador como poucos das bellas artes, não negará a sua coadjuvação ao zelo da direcção, para vermos no proscenio Vimaranense a fronte ornada de louros do nosso eximio actor Rosa e da sympathica actriz Carlota Velloso.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

ARCHIVO JURIDICO.

PUBLICAÇÃO REGULAR DA LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERESES TANTO ANTIGA COMO MODERNA

EDITOR — J. L. DE SOUSA

Publicou-se o n.º 15 da 2.ª serie que contém:

Legislação sobre execuções fiscaes administrativas por tributos — e judiciaes por fóros, censos e pensões, ou juros de capitaes pertencentes á fazenda nacional

Vende-se e assigna-se no Porto na rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta, aonde se encontram collecções completas da 1.ª e 2.ª series do *Archivo Juridico*, comprehendendo a 2.ª serie a seguinte legislação especial — Lei da Desamortisação; Lei do Sêllo; de Transmissão; Lei do Registro; Lei da Contribuição Pessoal; Lei da Contribuição Industrial; Lei da Contribuição Predial; Lei dos Jurados, lei que regula a distribuição dos processos aos escrivães. Lei que altera a Reforma Judiciaria. Lei que concede serventuarios aos escrivães, tabeliães e recebedores; Lei e regulamento do Registro Parochial; Regulamento dos Lyceus — Exames de habilitações — Instrucções para estes exames; Alterações na formação das matrizes — Instrucções do processo das cauções — Ordem aos escrivães de fazenda para deixarem de receber 50 rs. (a titulo de emolumentos) de cada documento que sellarem — Lei dos aggravos; Legislação sobre expropriações.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

Toda esta legislação é seguida dos respectivos regulamentos, e vende-se em bruchuras separadas.

N. B. Cada n.º do *Archivo Juridico* custa a modica quantia de 120 rs. enviado franco de porte para as provincias.

O *Archivo* troca com todos os jornaes politicos e litterarios, e annuncia todas as publicações de que lhe mandarem dous exemplares.

O numero 16 conterá a

Legislação sobre os fóros, censos, pensões, etc. etc. desde a sua extincção em 1832 até 1846

Decreto de 13 de agosto de 1862 sobre registo de minas.

Portaria de 19 de agosto, dando diversos esclarecimentos aos arrematantes de bens ecclesiasticos sobre rendas vencidas e vencendas,

Portaria de 11 de outubro que regula as habilitações para escrivão de fazenda.

Decreto de 22 de outubro sobre provimento dos officiaes de justiça.

BIBLIOTHECA DAS DAMAS.

Tendo estado interrompida a publicação da «Bibliotecha», vae no proximo janeiro começar a publicar-se com regularidade, distribuindo-se um ou dous numeros por mez. O preço é diminutissimo, porque, constando cada numero de seis folhas ou mais de impressão em 8.º, apenas custa 120 reis, pagos no acto da entrega sendo no Porto. Para as provincias não se tomam assignaturas por menos de 12 numeros, e accresce o preço das estampilhas, calculado a 30 réis cada numero, vindo a ser 1$800 réis por cada 12 numeros, sendo estes remettidos francos de porte, e bem acondicionados. Os pedidos das provincias, tanto para assignaturas como para os romances já publicados, devem ser dirigidos em carta franca — A José Lourenço de Sousa — Porto — Rua do Bomjardim n.º 69 — Os novos assignantes da «Bibliotheca têem direito aos romances já publicados, pelo preço da assignatura.

CATALOGO DOS ROMANCES JA' PUBLICADOS NA BIBLIOTHECA DAS DAMAS

	PARA ASSIGNATES	AVULSO
A Cabana do Pae Thomaz (4 vol)	480	800
O Escravo Branco (4 vol).....	480	800
O Aventureiro ou Barba Azul (3 vol).....	360	600
O Pedreiro.....	240	400
A Moreninha e Amelia (2 vol)..	240	400
Kossuth ou os Hungaros (3 vol).	360	600
A Marqueza de Camba (2 vol)..	240	400
Os Filhos d'Amor (2 vol).....	240	400
A Bruxa de Madrid (9 vol).....	1$080	1$800
As Duas Estrellas (2 vol).....	240	400
A Assucena d'Israel (3 vol)....	360	600
Fé, esperança e Caridade (12 vol)	1$440	2$400
O Cavalheiro de Pampelona (6 vol)	720	1$200
O Moço Louro (4 vol).....	480	800
O Amor d'uma Menina (1 vol)..	120	200
O Chale Preto (1 vol).....	120	200
A Rosa de Castro (1 vol).....	129	200
A Pomba (1 vol) (vai-se reimprimir).....	120	200
O Sceptro e o Punhal (1 vol) (vai-se reimprimir).....	120	200
Os Ciganos da Regencia (15 vol)	2$000	3$000
Memorias d'Além da Campa (15 vol. publicados).....	2$000	3$000

A CRUZ E A ESPADA.

NARRAÇÕES DA GUERRA DO ORIENTE

Campanhas de 1854 e 1855

Esta interessante obra forma um rico volume de 320 paginas, impresso em papel superior.

Vende-se por 500 rs. na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 31, eno escriptorio da «Nação».

A REVOLUÇÃO

Dedicada aos mancebos (Por Mr. de Segur.)

E' um bello opusculo que sahiu em folhotim no jornal «A Nação,» e que acaba de ser publicado em separado.

Forma um livro de 180 pag. Preço 200 rs.

Vende-se na lôja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 31, e no escriptorio da «Nação».

O PROGRESSO PELO CHRISTIANISMO.

CONFERENCIAS RECITADAS NO TEMPLO

DE

NOSSA SENHORA DE PARIZ

PELO REVERENDO PADRE FELIX

DA

COMPANHIA DE JESUS

Publicaram-se as Conferencias de 1862

O preço para os Srs. Assignantes da «Fá Catholica,» é o seguinte:

Um exemplar (seis *Conferencias*) 360 Réis
Idem a vulso..... 500 «

Tendo a Empreza d'este jornal resolvido publicar todas as conferencias do mesmo Reverendo Padre, recitadas nos annos de 1856, 57, 58, 59, 50 e 61, para o que já estão no prelo as de 1861, recebe desde já assignaturas com pagamento adiantado, pela maneira seguinte:

Para o srs. assignantes d'este jornal (toda a collecção)..... 2$500
Avulso (antes da publicação)..... 2$000
Depois de publicado (cada volume.. 500

Os nossos assignantes, que já tenham assignado e pago as Conferencia de 1862, só têem a remetter para toda a collecção, a quantia 2$160 rs.

Toda a remessa para as provincias é feita por conta da Empresa, e só aos volumes completos e broxados.

A remessa de dinheiro poderá ser feita por valles do correio, ao sr. Antonio Joaquim do Vadre Manique, escriptorio da «Fé Catholica» — Rua da Encarnação — 20 — Lisboa.

Os senhores assignantes d'este jornal nas ilhas dos Açores e Madeira, podem dirigir-se para o pagamento de suas assignaturas, ao sr. Albergaria e Valle na ilha de S. Miguel.

Tendo-se mandado reimprimir os primeiros numeros, a empresa acha-se habilitada a satisfazer as assignaturas a contar do 1.º numero.

AGRADECIMENTO.

CUSTODIO José Ribeiro Gomes e seu cunhado o conego Domingos da Conceição Carvalho e Silva, agradecem por este meio a todas as pessoas que os acompanharam nos seus sentimentos pela morte de seu filho e sobrinho o Rd.º Manoel Joaquim Ribeiro, protestando a todas as pessoas os seus reconhecimentos, e pedem desculpa de o não fazerem pessoalmente como desejavam. (16)

DESPEDIDA.

GASPAR Teixeira de Magalhães Lacerda, tendo-se retirado para Lisboa, e não podendo, por incommodo de saude, despedir-se pessoalmente dos seus amigos, pede desculpa de o fazer por este meio, e offerece a todos os seus serviços n'aquella capital. (15)

ANNUNCIOS.

Os devotos que quizerem concorrer para o monumento que se projecta levantar no alto do monte Espinho, com a indicação que já foi annunciado por cartas podem dirigir-se a casa do ill.mo sr. João de Castro S. Paio na praça do Toural, que está auctorisado para receber quaesquer donativos que para tão justo fim lhe quizerem entregar.

PREÇO DA ASSIGNATURA: — *Por uma serie ou 50 numeros 1$200 rs. — com estampilha 1$450 rs. — Por 25 numeros 600 rs. — com estampilha 725 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.

GUIMARÃES — TYPOGRAPHIA DA «RELIGIÃO E PATRIA», PRAÇA DA OLIVEIRA N.º 16.